

# A LINGUAGEM ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS<sup>1</sup>

Janaina Damasco Umbelino<sup>2</sup>

*Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir a importância da linguagem escrita nas aulas de Língua Portuguesa nas Séries Iniciais. Propõe o ensino de forma integrada, visando enfatizar a prática da produção de texto pelos alunos, considerando este um importante recurso para a análise dos conteúdos que fazem parte do currículo desta área, e um meio para que os alunos demonstrem o que já conhecem da língua. Compreende que o estudo da Língua Portuguesa deve iniciar do conhecimento que os alunos já têm para aprenderem o dialeto padrão, considerado oficial em nossa sociedade, dando importância àquele que utilizam.*

*Palavras-chave: Língua Portuguesa, produção de textos, ensino*

*Abstract: The present article has the objective of discussing the importance of written language in the portuguese language classes for initial grades. It proposes teaching in an integral form, aiming to emphasize the students' practice of text production, considering this to be an important resource for analysis of the contents that are part of the curriculum in this field as well as a way for the students to show what they already know about the language. It understands that the portuguese language studies should begin from the knowledge the students already have to learn the standard dialect, considered official by our society, caring about the one they use.*

*Key words: Portuguese Language, text production, teaching*

## Introdução

Por ser formada historicamente e produzida pelo homem, a linguagem auxilia na formação histórica e social dos próprios indivíduos que a produziram. Ela assume uma importante função social ao possibilitar a interação entre os sujeitos favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento psicológico e social destes, sendo considerada como um fenômeno coletivo, formada através de um processo histórico e sus-

---

<sup>1</sup> Monografia realizada para conclusão do curso de especialização em "Educação Infantil e Séries Iniciais" da UnC – Universidade do Contestado – SC, 2001.

<sup>2</sup> Pedagoga, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais, professora do Ensino Fundamental no Centro Educacional Municipal Luar, pertencente a Rede Municipal de São José, SC, situado na rua Aduci Arboeis do Nascimento, s/n, Loteamento Luar, São José, SC.

cetível a transformações que ocorrem na sociedade através da ação humana.

Assim, como fator social, a linguagem não é neutra, ela representa sentimentos e ideologias através das palavras que são enunciadas. Sobre isso, Bakhtin (in Jobin e Souza, 1996, p.98) afirma que “na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.

Compreendendo a linguagem como um agente social na interação humana, as propostas do ensino de Língua Portuguesa, nas Séries Iniciais, visam um trabalho em que o aluno compreenda a língua como parte do seu dia-a-dia e do seu meio, percebendo sua importância como forma de comunicação. À escola, portanto, cabe o papel de mediador entre linguagem, sociedade e conhecimento, tendo como objetivo formar bons leitores e escritores, ou seja, sujeitos que além de decodificar o código lingüístico, percebam as mensagens vinculadas aos textos presentes em nossa sociedade.

Para contribuir com este entendimento, Possenti e Geraldí discutem o ensino da Língua Portuguesa, com o objetivo de torná-lo significativo para o aluno, defendendo seu estudo a partir do conhecimento que já tem como falante da mesma. Acreditam que a escola deve se transformar num espaço para o uso efetivo da língua, dando condições para que se aprenda a norma padrão, sem desconsiderar as características da variedade lingüística que utiliza.

Assim, com base nestes autores, discutiremos o trabalho da linguagem escrita nas Séries Iniciais, considerando que as crianças que já se apropriaram do código escrito, estando num processo de ampliação de seus conhecimentos em relação à língua. É importante ressaltar que a prática da escrita é uma atividade da língua, formando com a fala, a escuta, e a leitura práticas que se completam, constituindo uma unidade. Mas, é necessário compreender e estudar suas especificidades para que nossos alunos sejam bons escritores, produzindo bons textos, utilizados como forma de comunicação. Portanto, faremos algumas considerações sobre o estudo desta linguagem, tendo como foco principal o texto, já publicado ou aquele produzido pelo próprio aluno, procurando incentivar um trabalho integrado e significativo, onde o aluno compreenda não só a estrutura da língua mas sua função social, dando continuidade ao processo de letramento iniciado na alfabetização.

### A escrita na sala de aula

Antes de entrar na escola, a criança tem acesso ao mundo da escrita através de “outdoors”, placas, rótulos e outros meios de comunicação que fazem parte do seu meio social. Mesmo, algumas vezes, não decodificando o código lingüístico, ela compreende a mensagem por fazer parte do seu ambiente cultural. Quando isso não acontece, utiliza a fala para questionar e compreender aquilo que lhe é desconhecido. Neste caso, a criança já compreende a linguagem escrita como forma de comunicação, mesmo que inconscientemente. Percebe que ela é utilizada por todos na sociedade e tem interesse em dominar esse código para inserir-se ainda mais no meio social. Assim, na escola, ela espera se apropriar e fazer uso da escrita de diferentes formas, podendo compreender as inúmeras mensagens que encontra fora da mesma. Para alcançar este objetivo o trabalho pedagógico precisa proporcionar diferentes experiências desta linguagem, incentivando e motivando práticas de escrita significativas para os alunos.

A alfabetização desempenha importante papel na aprendizagem da escrita e da leitura, porém essa sistematização continua durante os anos de escolaridade das crianças. Cada o uso da língua torna-se mais complexo, por isso a necessidade de um processo educativo que proporcione a apropriação e desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita.

Tradicionalmente, as aulas de Língua Portuguesa, principalmente em turmas de 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries, onde as crianças já possuem experiências com a escrita desde a alfabetização, preocupam-se com o estudo da estrutura da língua, constituindo-se em aulas de gramática e ortografia. Sendo a gramática, compreendida como o conjunto de regras utilizadas para se falar e escrever bem, seguindo sempre o modelo padrão de linguagem. Nessas aulas, os alunos classificam as palavras como substantivos, adjetivos, etc. sem compreender que estão presentes em suas falas, pronunciando naturalmente substantivos, adjetivos, pronomes e outros itens que compõem o currículo escolar. Estes ao escreverem, reproduzem a maneira como falam, não fazendo relação entre os exercícios gramaticais e sua prática de escritura, eles simplesmente escrevem, baseados na experiência prática que têm da língua.

O ensino preocupado com a memorização das normas da língua, enfatiza a gramática normativa, onde somente a língua padrão ou a norma padrão é válida. Nela, acredita-se que estudando regras, as pessoas

irão falar e escrever melhor. As expressões que não estão de acordo com suas normas são consideradas erradas ou vícios de linguagem, neste caso, não são consideradas as variedades lingüísticas presentes em nossa sociedade.

Porém, por ser um aspecto histórico e social a língua sofre mudanças, surgindo variações no modo de falar determinadas pela estrutura da sociedade ou pelo papel que os sujeitos representam nela (aqui consideramos sexo, idade, classes, formação, e outros). Essas variações são formadas por uma gramática, algumas vezes divergindo da utilizada na norma padrão, tendo características próprias, mas compreensível por todos os falantes da Língua Portuguesa.

Ao falarem, portanto, os alunos já fazem uso de regras gramaticais aprendidas naturalmente ao se comunicarem utilizando a variedade lingüística que conhecem. Este processo é chamado de gramática internalizada, significando “o conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (Travaglia, p.28), não sendo aprendida, necessariamente na escola, mas na prática cotidiana da fala. Como é naturalmente utilizada, ela estará presente na escrita dos alunos ao produzirem seus textos, pois estes utilizam a fala como modelo para a escrita.

Como afirma Possenti (1998, p.17), “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido”. Isso não significa que a variedade lingüística utilizada pelo aluno esteja errada, mas devemos considerar que em algumas situações essa norma é exigida, portanto, ele deve ter conhecimento dela para que saiba utilizá-la quando for necessário. Este se dará a partir do contato com a língua padrão, que a escola deve promover de forma variada e significativa. Isso poderá ser feito, utilizando o texto produzido pelo aluno como o principal meio para a análise lingüística, proporcionando aos alunos o progressivo domínio da língua padrão, através da comparação entre a variedade utilizada e a exigida na sociedade. Esse processo de aprendizagem se iniciará daquilo que o aluno já conhece, já domina em relação à língua.

Outro aspecto que torna o ensino significativo, é ter consciência da importância da escrita na sociedade e a compreensão de que, assim como a fala, ela é mais um instrumento que permite a relação e interação entre as pessoas, sendo construída historicamente num processo cultural, dotada de objetivo, onde tudo o que escrevemos tem um sentido e significado.

Na sala de aula essa conscientização, torna-se prática quando a aprendizagem está voltada para aquilo que o aluno conhece, está presente em sua cultura, tendo contato permanente. Para tanto, é necessário que na escola, ele tenha acesso a diferentes tipos de textos que circulam diariamente em nossa sociedade e compreenda que cada um tem uma função social e estrutura específica.

Os textos publicados, que os alunos têm acesso fora do ambiente escolar, diferem do objetivo daqueles estudados em sala de aula. Esses, utilizados pela escola, são retirados de livros didáticos, tendo a função de ensinar gramática, ortografia, interpretação e, muitas vezes, questões morais e comportamentos a serem adquiridos. Porém, os textos que são produzidos fora deste ambiente têm outras funções. Eles podem divertir, informar, entreter, conquistar ou afastar pessoas, dependendo daquilo que está escrito ou o objetivo que é empregado. Sua tipologia é variada, entre eles podemos citar propagandas, cartas, cartazes, literatura, histórias em quadrinhos, bilhetes e inúmeros outros.

Com a leitura e a análise de diferentes tipos textuais, o aluno vai percebendo como escrever seu próprio texto, como estruturá-lo e organizá-lo no papel, pois ao discutir sua função, discute-se também sua estrutura, o espaço ocupado no papel e como estes recursos colaboram para a compreensão da mensagem transmitida. Brunstein et al (1995, p.58), corrobora afirmando que “ao proporcionar aos alunos o contato com um amplo leque literário, o professor dá condições para que aprendam a utilizar a linguagem à qual estão sendo expostos”.

Assim, é importante que antes de escrever, o aluno leia, pesquise, saiba qual o tema, o tipo (carta, propaganda, bilhete...) e o gênero (narrativa, descrição...) textual que vai utilizar, tendo claro o tema a ser tratado. Ele não poderá escrever sobre aquilo que não conhece, não leu ou vivenciou. Se chegarmos em sala e pedirmos que escrevam algo que desconhecem, certamente terão dificuldade ao fazê-lo. Mas, se é dada a oportunidade para a discussão em sala, com colegas, além de estimular a oralidade, o aluno estará elaborando argumentos para sua produção. Essa vivência com diferentes leituras facilita o processo de aquisição da escrita, ampliando as idéias já produzidas sobre determinado assunto e conseqüentemente o vocabulário. Quando produzem seus próprios textos, os alunos relembram fatos já escritos ou falados sobre o tema, que aliados a sua forma de compreender o mundo se transformará em produções autênticas, com significado próprio.

Caso o professor tenha como objetivo a produção de uma propa-

ganda, ele deve incentivar a pesquisa, solicitando que os alunos tragam as já publicadas em revistas, jornais, ou outros portadores de textos. Depois, é necessário analisá-las, considerando sua função social, a importância deste texto em nossa sociedade. Chamar a atenção do aluno para a forma como foi escrita, as palavras-chaves, os recursos utilizados, seu público-alvo, o vocabulário empregado dependendo do público, discutir a necessidade do produto ou tema e comparar com outras propagandas. Esse trabalho destaca não apenas a linguagem escrita, mas também a análise crítica de questões sociais e culturais implícitas nos textos que contribuem para a compreensão do todo. Essa prática quando feita de forma regular, auxiliará o aluno a interpretar outros textos, fazendo-o perceber que além do que está escrito, existe uma transmissão de valores e comportamentos que são considerados ideais na sociedade. Então, após essa discussão deve-se propor a produção de propagandas, incentivando-o a criar seu próprio texto.

Seguindo a prática de escritura e análise do texto do aluno, serão identificadas as dificuldades apresentadas pelos alunos ao escreverem, sendo corrigidas através da reestruturação coletiva ou individual do texto. Nesse processo, o professor tem o papel de mediar o conhecimento que o aluno já tem e aquele que ainda não se apropriou para que tenha domínio da escrita.

Essa prática pode ser utilizada em diferentes modalidades de textos, mas para isso, o aluno deve ter acesso a exemplos, não para copiá-los, mas para servirem como fundamento para sua escrita, percebendo que cada tipo tem uma característica e função específica. A escola, portanto, precisa dar espaço para a leitura e para a pesquisa, pois seria difícil um aluno escrever uma narração se não estudou sua estrutura, não leu narrativas já publicadas e não compreendeu sua utilidade no meio em que vive.

É importante salientarmos que o ensino da gramática não é desprezado no ensino da língua, porém, ela passa a ser estudada a partir das produções dos alunos, de sua vivência com a escrita. Nas Séries Iniciais, principalmente, não devemos nos preocupar com a memorização de regras e nomenclaturas, elas podem ser citadas, pois afinal, fazem parte da estrutura da língua, mas devemos nos preocupar com seu uso efetivo. Os alunos podem saber que existem verbos, substantivos, adjetivos... mas passam a conhecê-los na prática.

Possenti (1998, p.90) sugere que seja falado normalmente dos conteúdos gramaticais mas "sem que a terminologia fosse cobrada, de

forma que eventualmente, ela passasse a ser dominada como decorrência de seu uso ativo, e não através de listas de definições”. Ao analisar isoladamente a estrutura da língua em exercícios de completar palavras e frases, onde somente uma resposta é possível, prevalecendo a memorização das regras e escritas das palavras, não será garantido a compreensão da Língua Portuguesa como resultado da interação humana, onde ao falarmos ou escrevermos estamos empregando significados próprios, que tem influência do meio cultural e das experiências que os alunos trazem para a escola.

O ensino da Língua Portuguesa através de textos existentes na sociedade e os produzidos pelos alunos, auxilia na compreensão de conteúdos clássicos presentes no currículo, proporcionando o entendimento destes como uma unidade, apresentando uma função em nossa língua. Permite que ao ler textos não se limite a decodificar o código lingüístico, mas a perceber sua importância na sociedade e na cultura. Deste modo estará promovendo na sala de aula, além do desenvolvimento da habilidade da escrita, a capacidade de compreender o meio social e os instrumentos que estão presentes nela, sendo a prática de escritura, além de um item do currículo formal, mais um meio de expor suas idéias e compreender o mundo em que vive.

O professor pode trazer para a sala de aula textos já publicados para serem reescritos. Ramos (1997) cita algumas atividades que podem ser desenvolvidas, como por exemplo, trazer um texto sem pontuação para que os alunos reestruturem, comparando, ao final do trabalho, com o original e fazendo considerações sobre como foi pontuado; incluir ou retirar personagens dando atenção à concordância; transcrever textos orais; modificar o gênero do texto, entre outras. Essas atividades possibilitam ao aluno transitar por vários tipos e gêneros textuais, comparar oralidade e escrita, aprofundar o conhecimento que já tem da língua, fazer uso da norma padrão e trabalhar de forma integrada estrutura da língua com a produção e leitura de textos.

A formação de bons escritores depende da vivência que têm sobre o uso da linguagem, portanto, é importante que a escola proporcione momentos de discussão, análise, reflexão, oralidade, escrita e prazer nesta área de conhecimento. Com essa prática, os alunos compreenderão que escrita e leitura não são apenas para cumprir exigências do currículo formal, mas um meio de expor suas idéias e compreender o mundo em que vivem, assim como, inserir-se na sociedade.

## Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997
- BRUNSTEIN, Raquel Lea et al. Alunos Leitores e Escritores: Produção de Texto Em Sala de Aula. IN: *Oficinas de Matemática e de Leitura e Escrita*. CENPEC. Editora Plexus, 1995
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bú*. São Paulo: Scipioni, 1999. (Pensamento e Ação no Magistério)
- CARDOSO, Beatriz. EDNIR. Madza. *Ler e escrever, muito prazer*. São Paulo: Ática, 1998
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)
- JOBIME SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. 3 ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- MATENCIO, Maria de L. M. *Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1994. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas. Mercado das Letras, 1998. (Coleção Leituras no Brasil).
- RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SMOLKA, Ana Luiza B. GÓES, Maria Cecília R. de (orgs). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- TRAVAGLIA, Luiz C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.
- UMBELINO, Janaina Damasco. *O ensino da Língua Portuguesa: da fragmentação à integração*. Caçador, 2001. Monografia (Especialização) – Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Educação – Área de concentração : Educação Infantil e Séries Iniciais – CPPG, Universidade do Contestado.